

ENTREVISTA

VALCI REGINA MOUSQUER ZUCULOTO

As perspectivas de gênero nos estudos radiofônicos: um diálogo aberto entre Valci Regina Mousquer Zuculoto e Juliana Gobbi Betti.



“Incluídas em um movimento que ultrapassa a proposição de temas de pesquisa, as questões de gênero vêm apresentando questionamentos teóricos e metodológicos que revelam a urgência de novas categorias de análise dentro dos estudos em comunicação. Igualmente, incentivam a reflexão sobre o próprio fazer ciência.”

Esse olhar, especialmente quando vinculado aos demais marcadores sociais da diferença, também vem amparando a emergência de perspectivas e vozes até então invisibilizadas, reconhecendo e acompanhando as transformações culturais da sociedade brasileira. Nos estudos em rádio, observa-se que essa linha de investigações tem sido impulsionada pelo diálogo interdisciplinar e intergeracional, sem perder de vista a diversidade regional que caracteriza o

meio. Contudo, como todo movimento que questiona paradigmas e estruturas já estabelecidas, este também enfrenta sua parcela de resistência. Logo, é preciso construir espaços de fala e de escuta, estabelecer diálogos. Assim, esta entrevista se tornou uma conversa, que é uma ação e, ao mesmo tempo, um convite para que ampliemos a discussão sobre as questões de gênero nos espaços em que transitamos. Sem uma estrutura rígida, os temas que se apresentam aqui foram desdobrados a partir das nossas perspectivas e experiências, buscando abordar a prática profissional, a docência, a pesquisa e as lutas das mulheres nos âmbitos pessoal e institucional.

Juliana Gobbi: É muito marcante a presença das mulheres na liderança dos espaços de pesquisa em rádio, e como isso já está tão naturalizado. Parece-me que, de certa forma, essa naturalização também faz com que não pensemos muito sobre isso.

Valci Zuculoto: Sim. Achamos que é natural, e não é só na academia. Observei isso, por exemplo, recentemente nas eleições da FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas³⁴ quando fizemos uma *live* com a então candidata à presidenta, a Samira Castro, do Ceará, e não realçamos o fato de ser uma mulher. Só realçamos a primeira vez que uma mulher assumiu a presidência da FENAJ, que foi a Beth Costa (RJ), lá no final da década 1990, início dos anos 2000. Naquele momento festejamos muito, e depois disso voltou a ser um homem na presidência, nas duas últimas gestões voltou a ser uma mulher, a Maria José Braga, de Goiás. A participação feminina na FENAJ está cada vez maior. E nós estamos vivendo um momento de grande violência contra as mulheres – não é que essa violência não

existisse, sempre existiu, mas neste momento está sendo mais revelada, mais divulgada -, e ressaltai isso, mas depois da *live*, na hora não tive esse *insight*. Parece que é natural uma mulher, mais uma mulher, assumindo a presidência da FENAJ. O que é bem isso que você está falando, acabamos naturalizando. Mesmo aqui, na nossa área do rádio que as mulheres estiveram, e continuam, bastante na liderança. Realmente precisamos parar para refletir que essa presença não significa que não estamos mais enfrentando a violência, que não temos que lutar muito para conquistar nosso espaço e que continua tendo invisibilidade. Isso não é ressaltado, temos que ressaltar, não podemos naturalizar. Outro exemplo: em recente evento acadêmico, nós tivemos uma discussão sobre isso, sobre a invisibilidade, a dificuldade das mulheres de ingressarem no segmento do rádio esportivo, do jornalismo esportivo. Alguns pesquisadores disseram que isso já tinha sido superado, que são elas que não ocupam. E meio que ficou para as mulheres, vamos dizer assim, essa responsabilidade ou até culpa por não

³⁴ As eleições para a diretoria da FENAJ se realizaram em julho. A chapa de Samira Castro foi eleita e assumiu para uma gestão até 2025.

estarem conquistando um espaço que está dado para elas. É uma leitura equivocada, completamente equivocada. E acho que continuamos estimulando essa leitura justamente por naturalizar as conquistas que as mulheres vêm tendo. Elas vêm tendo conquistas, mas isso não significa que elas não continuam tendo todas as dificuldades, sofrendo todos os preconceitos, enfrentando toda essa tentativa de apagamento e essa invisibilidade. E é por isso que temos que fazer mais pesquisas com recortes em gênero, como a da releitura histórica sobre as mulheres profissionais no rádio que você e eu estamos propondo em forma de estudo coletivo nacional, porque isso não está resolvido, ao contrário.

Juliana Gobbi: Isso me lembra um texto em que Gaye Tuchman fala sobre a questão das mulheres pioneiras. Trazendo isso para o âmbito do jornalismo, ela observa que as mulheres que são noticiadas são as pioneiras: a primeira mulher que chegou à presidência da empresa, primeira mulher que fez isso ou aquilo. Na academia não tem sido diferente, e isso passa a ideia de que o problema da ausência estaria resolvido a partir daquele momento. Acho que esse ainda é um desafio para pesquisa histórica nos estudos em rádio, inclusive para nossa proposta: identificarmos quem são as pioneiras, mas entendendo também todo o processo de conquista que permitiu que elas alcançassem essa atividade, esse posto, essa profissão, enfim, bem como o depois. O que aconteceu quando ela chegou lá, e o que aconteceu com aquelas que vieram depois? Analisar em que ritmo a participação das mulheres foi se normalizando dentro das estruturas, ou se não foi.

Valci Zuculoto: Sim. Na verdade é bem o que estamos propondo nesta pesquisa

coletiva nacional sobre as profissionais do rádio. É a utilização do gênero como categoria analítica. Algumas pesquisas já apontam pioneiras, mas não se têm, ainda, uma contextualização mais aprofundada, nem a continuidade de um acompanhamento analítico do que aconteceu. Não acho que se deva fazer a pesquisa histórica somente com base em marcos. Mas é preciso ter ganchos, então se apoiar em marcos também. O que leva a essa leitura equivocada de que esse problema já está superado, é que a gente se prende somente aos marcos e revela, evidencia que já temos pioneiras, que elas começaram em tal época no rádio, que já estavam presentes lá no início do rádio, embora não propriamente em determinada função. Sempre cito pesquisas da Ediane Mattos (UFSC) e da Izani Mustafá (UFMA Imperatriz) sobre a Ruth Costa, da Difusora de Joinville, que participava das jornadas esportivas da emissora, apenas como plantonista no estúdio. Ela não fazia as transmissões externas dos jogos. Ficava no estúdio e entrava com informações quando a transmissão caía até que se restabelecesse. Então, ela é uma pioneira do rádio catarinense também. Mas aí você evidencia isso numa pesquisa: temos a pioneira e acabou, mas e o que veio depois? A própria história dela, como se desenvolveu? Ela acabou tendo uma participação mais relevante, de alguma forma, "salvou" uma transmissão esportiva? A gente não sabe por que, a partir dali, houve um apagamento.

Juliana Gobbi: É um não registro, né?

Valci Zuculoto: É, um não registro. E porque que não houve esse registro? Porque esse papel não se tornou relevante no relato histórico? Vamos observar que têm questões

de gênero, e que continuam até hoje. Mesmo quando não há uma premência contextual é preciso atentar para o gênero como categoria de análise, verificando questões que ainda ficaram para trás. Um exemplo é o da participação das mulheres na narração esportiva, e que alguns entendem já estar superada, pois atualmente têm mulheres narrando. Acreditam, equivocadamente, que elas só não estão narrando mais porque não ocupam os espaços.

Juliana Gobbi: É como se a pouca presença das mulheres, ou até a ausência, em determinados espaços, ainda persistisse apenas porque nós não queremos, não gostamos, não merecemos ou não estamos preparadas.

Valci Zuculoto: E não é verdade. É porque não se seguiu analisando e enfrentando isso, naturalizou-se. Se já tivemos pioneiras, se elas já estão ali, acredita-se que o espaço delas está garantido, basta querer agora, né? E a realidade não é assim, não.

Juliana Gobbi: Também o próprio cotidiano da prática profissional, muitas vezes, não ajuda o registro dessa memória. Tanto o ritmo quanto o entendimento de quem está produzindo conteúdo acabam contribuindo para o descarte aquilo que já foi ao ar, deixando o foco sempre direcionado para o que ainda está por vir. E o rádio, até por sua relação com a efemeridade, tem um pouco mais de dificuldade para preservar a própria memória. Ao mesmo tempo, observo que os espaços nos quais isso foi feito, sejam nos livros ou outros registros das produções de pessoas que atuaram no rádio nos

diferentes momentos, em sua maior parte, são compostos por homens contando suas histórias. A discussão sobre essa ausência das mulheres e da palavra delas nos registros acontece há várias décadas nos estudos históricos, um processo que fez evoluir a percepção que se tinha sobre a relevância desse olhar para o gênero e, principalmente, a partir dele. Nas pesquisas em comunicação esse movimento é mais recente, e parece que vem sendo acompanhado pela construção de um entendimento mais amplo sobre o que há de estrutural nas dificuldades e desafios que se impuseram (e alguns ainda se impõem) à atuação profissional das mulheres. Não só da exclusão, mas também de uma maior cobrança por determinadas competências, principalmente em alguns segmentos, como é o caso da cobertura esportiva. Sendo alguém que tem uma compreensão aprofundada sobre a pesquisa histórica e uma experiência profissional diversificada no rádio, seria muito interessante que compartilhasse um pouco da leitura que faz atualmente e que fazia naquele início de carreira, vivenciando essa realidade desde a década de 1970.

Valci Zuculoto: Para ver como até nós mulheres, mesmo na profissão, acabamos normalizando isso. Eu comecei no jornalismo muito cedo, em 1977, trabalhando na Central do Interior da Zero Hora, que tinha uma relação muito próxima com a rádio, daí logo passei para a Rádio Gaúcha. Entrei como redatora. Em seguida, já assumi como editora da Rádio Gaúcha, mas agora, quando você falou, notei que tinha discriminação, era uma coisa estrutural, embora trabalhasse com muitas mulheres. Ficou passando um filme aqui na minha cabeça, ou melhor, ficou passando

um cenário sonoro e imagético, e mesmo naquela época eu tinha bastantes colegas mulheres, como uma que era a única do esporte, e que não trabalhava como repórter, ficava só na produção, a Carmem Rial. E foi por insistência dela que consegui produzir coisas que eram só destinadas aos homens lá na Rádio Gaúcha. Mas eu mesma me cobrei, os meus modelos ali eram as minhas chefias ou os meus colegas homens. Eu achava que eles eram muito mais capacitados do que eu e, da mesma forma, as minhas colegas também. Por isso, o fato de eu ter conseguido chegar, inclusive, em postos de chefia, nos faz pensar. Eu fui a primeira mulher a ser editora dos noticiários ditos nobres da Rádio Gaúcha, e tinham outras atuando nas coordenações, mas isso não modificou a nossa história individual ali dentro. Acho que foi muito pesado para todas naquele período. Ao mesmo tempo em que enfrentávamos a ditadura e a censura, enfrentávamos o machismo estrutural que estava ali, embora tivesse colegas homens que fossem muito sensíveis à questão. E na minha história profissional isso não aconteceu só ali, fui a primeira mulher a ser contratada como repórter do jornal O Globo na sucursal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Eu já fazia alguns *freelas* para eles, e me lembro direitinho que, quando me entrevistou para contratar, o chefe de então da sucursal, destacou isso. Era um profissional reconhecido como um grande jornalista, mas vivia aquele momento. Lembro que ele falou assim: "ah, eu até hoje não contratei mulheres para cá porque a mulher tem a questão dos filhos, tem a questão de ficar menstruada todos os meses, aí às vezes fica mal, então é complicado, aqui tem muito trabalho, muita viagem, muita matéria". Em uma sucursal você faz tudo, você faz todo tipo de matéria, matéria de turfe, corrida de cavalo, futebol, tudo isso, não era eu a principal, eram outros repórteres, homens, que faziam estas

coberturas, mas nos plantões eu tive que fazer e dar conta disso. Matéria de polícia, matérias bem complicadas, pois ainda era um período de final de ditadura e início da redemocratização. A primeira eleição presidencial, que nós cobrimos depois da ditadura, eu estava lá no Globo. Foi muito pesado, mas o que eu estava lembrando agora é desse início, de quando entrei, era uma coisa tipo assim: "você vai entrar para uma redação que só tem homens - e historicamente só teve homens e grandes repórteres, grandes jornalistas, grandes profissionais-, você vai entrar aqui, mas você é mulher, então, você vai ter que mostrar serviço". Refletindo sobre todos aqueles problemas que ele apontou que as mulheres tinham, e que por isso até então não havia contratado mulheres, porque seria mais difícil para elas darem conta da rotina de uma sucursal, percebi que eu fazia muito mais que os homens. Quando era uma viagem de última hora, por exemplo, tinha colegas homens que não podiam ir porque precisavam buscar os filhos no colégio. Embora fosse casada, eu não tinha filhos e era uma mulher bem independente, então podia ir. Enfim, lembro que fiz uma grande cobertura junto com um colega, o Edson Chaves, na metade da década de 1980, que foi uma série de reportagens sobre a tortura na Polícia Civil do Rio Grande do Sul, ganhei prêmios, mas foi uma cobertura muito pesada, mas muito pesada mesmo. Nós chegamos a sofrer ameaças, andávamos bem preocupados. Lembro que foi difícil para continuar até o final porque nos sentíamos muito pressionados. E, veja só, era uma mulher e, em muitos momentos, em função de questões pessoais do meu parceiro de reportagem, tive que assumir totalmente a liderança da matéria e ficar sozinha naquela produção que durou vários meses. Era uma mulher que estava à frente, justamente negando tudo aquilo que o então chefe (a essa altura ele já não estava

mais lá) apontou como problemas que teria ao contratar uma mulher. Na verdade, foi uma mulher que acabou resolvendo todas aquelas dificuldades que ele disse que normalmente teria com profissionais mulheres ali.

Juliana Gobbi: É exatamente por isso que insistimos que as experiências pessoais são, muitas vezes, fruto de condições estruturais. Se tivesse uma divisão mais equitativa do trabalho doméstico, do trabalho do cuidado, por exemplo, isso não seria uma carga tão grande para as mulheres e elas não seriam cobradas ou mesmo questionadas sobre isso. Se, em tese, os homens não têm esses problemas é porque existem mulheres que estão lidando com isso para eles.

Valci Zuculoto: Exatamente, eu era uma exceção porque naquele momento não tinha filhos. Era casada, mas os meus companheiros sempre foram muito conscientes e sempre dividiram muito, então podemos considerar como exceção, porque a história geral não aponta para isso. Na verdade, tive algumas exceções que me permitiram despontar dessa forma. Por isso até que insisto, e insisti quando apresentamos essa proposta de pesquisa, que não se trata de rever e mudar o relato histórico. O relato histórico que tem o protagonismo dos homens está correto em relação aos homens, não está correto em relação às mulheres. Então, não se trata de mudar a história, mas se trata de fazer uma revisão colocando o espaço das mulheres, também lançando o olhar sobre as mulheres, porque esse olhar não é lançado. Não é evidenciado aprofundadamente. Ele só faz isso, identifica mulheres pioneiras,

emblemáticas, mas não conta a história. Por isso que trabalho muito também com a Nova História, que não é tão nova, e com a História Pública como abordagens para as minhas pesquisas em perspectivas históricas. Porque possibilitam uma história mais “democrática”, mais “plural”, que é mais equilibrada, que não é um relato que é só “dos de cima”. E isso não se refere só à questão de gênero, mas a todas abordagens e os recortes que temos para as nossas pesquisas em que, normalmente, a história - vamos chamar aqui de a história oficial -, só aponta isso, os grandes personagens, os grandes feitos. E a história das pessoas mesmo, da sociedade, do cotidiano, não está presente. A questão de gênero se insere nessa lógica dos de cima e dos de baixo, as mulheres estão no patamar de baixo. Essa é uma história que não tem relevância, parece que não tem relevância, que não constrói a história. Como ela não constrói a história?

Juliana Gobbi: Esse destaque sobre o que referencial teórico-conceitual que fundamenta, que ampara outro olhar para o relato histórico, traz de volta aquela questão do desafio metodológico. Como podemos pensar a história desse meio, dessas emissoras, dessas pessoas, se o próprio rádio não foi um espaço que valorizou a preservação da sua memória? Nós temos essa dificuldade, que é uma dificuldade ligada à falta de políticas públicas de preservação da memória dessas produções, mas isso vem também das emissoras, isso vem dos profissionais muitas vezes. Então, fico pensando nesse desafio de recuperar os relatos e compreender as produções de outros momentos, de trazer esses acontecimentos para registro histórico.

Valci Zuculoto: Como a própria história, e as abordagens que utilizamos nas pesquisas históricas, são abordagens que reconhecem e valorizam os vestígios, os indícios pequenos, às vezes até indícios que acabam revelando grandes achados. Sempre fico pensando o quanto é difícil, especialmente porque não adotamos essa perspectiva, e as metodologias e as abordagens mais da história oficial se fixam nos grandes feitos, naquilo que é evidenciado naturalmente, com naturalização. Então temos muito mais dificuldade, já por isso, porque adotamos um caminho mais, vamos dizer assim, que é mais difícil, mais tortuoso, mais difícil de percorrer. E, ainda por cima, pelo fato de que o rádio não tem a sua memória preservada. Então é mais difícil ainda para nós detectarmos, verificarmos, encontrarmos esses vestígios, esses rastros que vão possibilitar a revisão. Porque é isso. E, infelizmente, o próprio rádio não tem essa preocupação. Ontem estava conversando com os meus orientandos da área do rádio sobre isso, a dificuldade de conseguirmos esse material de pesquisa. Tanto os museus de imagem e do som quanto as emissoras ou não tem ou dificultam o acesso. Sempre lembro que para fazer a minha dissertação queria pesquisar um pouco além do que já se tem, que está focado no Repórter Esso como marco do radiojornalismo no Brasil, queria trabalhar um pouco mais o Grande Jornal Falado da Tupi e não consegui encontrar quase nada, a não ser algum material escrito em alguns livros, que não são livros científicos, só em livros memorialistas, em trabalhos ensaísticos. E trazendo para a pesquisa das mulheres, a filha do Roquete-Pinto trabalhava junto com o pai, mas não se tem um registro mais aprofundado sobre ela. Ou mesmo sobre o início do nosso radiojornalismo no *Jornal da Manhã*, *Jornal da Tarde* e *Jornal da Noite* da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que o próprio

Roquete-Pinto fazia, acho que também a filha dele depois de algum tempo. Mas não temos os registros preservados, tem pouquíssima coisa sobre isso. Nas minhas pesquisas, quando conseguia entrar em algumas rádios, a forma como estavam guardados esses acervos era de chorar. Não se tem nem os espaços públicos de memória e nem os espaços privados, por isso contamos com os próprios profissionais que guardaram algumas coisas. Nem eu guardei do meu trabalho profissional. Eu tenho guardado na memória, vou ter que trabalhar com história oral comigo mesma (risos). No entanto, não podemos creditar, e isso é importante ressaltar, somente ao despreparo dos próprios meios para tratarem com a sua memória, que é um cenário que encontramos, inclusive, em veículos bem mais recentes. Ou seja, essa é uma questão que ainda está muito presente, a falta de preocupação com a memória. Nós temos, também, uma questão que é de política, a própria política pública não dá importância a isso, ou quando sabe da importância, e muitos sabem dessa importância, promovem um apagamento proposital de tudo. Isso é recorrente, é óbvio que se torna mais evidente em períodos de censura, em períodos de ditadura, como aconteceu na Ditadura que iniciou em 1964, mas é possível encontrar esse tipo de prática no Estado Novo, ou mesmo no início do rádio no Brasil, que começou lá com as experiências de Landell de Moura. Lembrando que ele teve seus experimentos todos destruídos. Foi a própria sociedade se revoltou contra o Landell de Moura porque achava que aquilo era coisa do diabo. E também as políticas públicas de então que não se deram conta do que era aquilo que ele estava fazendo. Então é um grande problema que nós temos na preservação da memória. Todo mundo acha que é mais fácil por ser sonoro, por ser áudio, podemos investigar nas fitas... E cadê as fitas? E cadê a

digitalização de tudo? Cadê os arquivos? Cadê os roteiros? Eu encontrei roteiros jogados numa caixa lá na Rádio Cultura (de São Paulo), quando eu fui fazer a minha pesquisa de doutorado sobre a programação das rádios públicas brasileiras. Agradeço muito à Rádio Cultura de São Paulo que me recebeu, tinha até uma mesinha para mim junto ao acervo, eles arrumaram tudo, abriram o acesso naquele período, que foi início dos anos 2000. Agradeço a todas às rádios públicas que me receberam naquele momento, um momento muito bom para o país. Então, tive o acesso e foi muito legal, mas ali encontrei o resultado de uma política de anos e anos de destruição de acervo. Por exemplo, lá no início do rádio havia aulas de ginástica pelo rádio. Tive acesso a alguns roteiros dos programas e é um fenômeno muito interessante, mas esse material não estava tão organizado na biblioteca da Cultura. Não sei se ainda tem, mas naquela época tinha uma biblioteca, uma hemeroteca, uma audioteca lá na Rádio Cultura. Eles me deram acesso para mexer à vontade, e eu até deixei organizado e ressaltar a importância daquele material, mas estava dentro de uma caixa. Eram duas ou três caixas de papelão muito grandes, imagina conservar roteiro em papel dessa forma. Encontrei roteiros históricos, já meio carcomidos de traça, e deixei até arrumadinho lá, alertando que era preciso digitalizar. É muito importante, se tivesse sido feito isso em relação a outros programas de rádio muito antigos, como eu procurei na dissertação e não consegui encontrar nem áudio e nem roteiro.

Juliana Gobbi: Os próprios programas femininos que sistematizei na minha tese. Eu procurei registros dessas produções para entender que conteúdos tinham, que assuntos trabalhavam, como trabalhavam esses assuntos, porque são informações

que não temos. Geralmente o que encontramos são apenas vestígios que indicam que uma profissional teve um determinado programa, que esse programa que era direcionado para o público feminino, por exemplo, e que tratava de temas de interesse das mulheres, mas o que eram esses temas de interesse? Pode ser que seja um olhar restrito para o que era de interesse das mulheres, vinculado à ideia do ser mulher naquele momento, e que passava por ser a dona de casa que tinha que aprender como educar as crianças. Existia essa concepção dentro de um projeto político mais amplo que colocava as mulheres como responsáveis por formar o futuro da nação. No entanto, acredito que deve ter entradas nesses programas que falavam do direito de estudarem, do direito ao voto, do direito ao trabalho remunerado e aos direitos trabalhistas. Como é que isso estava nos programas, ou realmente não estava? Não sabemos com certeza, não se tem registro disso.

Valci Zuculoto: Não tem. Se tivesse um roteiro, não precisaria nem do áudio ou se tivesse um pedacinho de áudio. Isso realmente mostra como não se julgava importante. A questão era produzir o programa seguindo uma linha editorial, mas isso não era importante de se registrar, nem para analisar o antes, nem para analisar o depois.

Juliana Gobbi: Foi ao ar, acabou. Aquele material acaba indo para o lixo.

Valci Zuculoto: É isso! Porém, eu também sempre faço questão de ressaltar que não podemos só creditar ao próprio veículo o fato de não ter preservado ou aos próprios profissionais, que não se deram conta disso, mas especialmente é a questão estrutural. É a sociedade de então que realmente não

achava isso importante. Ou até se sabia que era importante, mas justamente por isso não poderia ficar arquivado, não poderia ficar disponível para que se tivesse a compreensão da história.

Juliana Gobbi: Isso às vezes é direto, uma censura direta, como já se teve, mas também acontece de forma indireta, quando não se tem investimento para que a preservação da memória possa ser feita, quando não se tem investimento público para que esses arquivos sejam digitalizados. Esta também é uma forma de apagamento, né?

Valci Zuculoto Sim, entra tudo aí. É um contexto geral que é voltado para a cultura, entendendo a cultura no seu sentido mais amplo, a cultura da nossa sociedade. A cultura da nossa sociedade que acaba fazendo com que tenhamos governantes com essa perspectiva. A cultura da sociedade é uma cultura destinada a apagar e a não entender a sua própria história, sua própria construção histórica e, nesse caso, chegamos naquilo que estamos falando, na nossa proposta de pesquisa, nas nossas pesquisas históricas em relação à questão de gênero. É a cultura da sociedade que continua apagando e continua não querendo reconhecer as questões de gênero.

Juliana Gobbi: Acho que uma das coisas mais interessantes desse diálogo é que a sua experiência permite buscarmos estabelecer relações entre a prática, a docência e a pesquisa, também ligando outra vertente que são os espaços de luta, como FENAJ e o sindicato. De alguma forma, tudo isso constitui o teu olhar para os temas, e acho que constitui também o teu olhar para essas questões de gênero. No início falamos sobre como é interessante observar que, muitas vezes, não nos damos tão claramente de como

essas questões eram muito mais estruturais e do quanto naturalizamos algumas coisas, mas é interessante também perceber que foi muito rápido, a partir do momento que esse novo olhar se formou, para que várias coisas passassem a fazer sentido. Então, queria retomar as reflexões nessa linha de experiências. Hoje a senhora ocupa uma posição de pesquisadora legitimada na área, tendo passado por todo esse processo também dentro dos espaços de luta e de prática sendo uma mulher.

Valci Zuculoto Sim, você colocou muito bem em relação a mim, por exemplo, me dar conta e conseguir atuar em todas essas áreas, está tudo imbricado. Acho que não seria uma boa professora de Jornalismo, nem seria uma boa pesquisadora se não tivesse tido esse meu início profissional. E, na verdade, isso é característico da minha geração. Entrei como professora na Universidade em um concurso realizado na década de 1990, e nem era o meu objetivo permanecer na academia. Senti necessidade naquele momento porque o ano de 1989 foi pesado no jornalismo com cobertura daquela primeira eleição presidencial, que redundou na eleição do Collor. Senti mais ou menos a mesma coisa quando, em 2018, teve a eleição do Bolsonaro, também foi muito pesado para o jornalismo fazer a cobertura. Eu estava na linha de frente em 1989, como repórter de *O Globo*, acompanhando a eleição presidencial, e também vinha sentindo muita necessidade. Até naquele momento não era tanto pelas questões de gênero, eram mais as questões gerais do jornalismo que estavam me preocupando muito, do exercício profissional e tudo. Eu sempre juntei as duas coisas: a profissão e o movimento sindical, isso vem desde o início, desde que comecei a fazer jornalismo.

Juliana Gobbi: E o movimento sindical também é um espaço estruturalmente masculino.

Valci Zuculoto Sim, falávamos sobre como festejamos quando chega uma mulher na presidência do sindicato, um sindicato ou da FENAJ, mas daí parece que quando chegou uma mulher, pronto, está tudo resolvido, não tem mais esse problema. Quando se sabe que ele continua. Sempre esteve muito imbricado e tenho certeza de que se não tivesse atuado, e não continuasse atuando, em todos esses espaços, não conseguiria ter uma noção mais aprofundada e completa de questões a serem ampliadas, destacadas, como a de gênero e de outras do próprio Jornalismo. Acho que hoje não é tanto quanto na minha época, quando se escolhia Jornalismo para cursar e entrar na profissão. Então, ao se perguntar sobre o motivo de escolher Jornalismo, a resposta sempre era que se queria mudar o mundo. Há algum tempo um aluno me perguntou: "professora, você quando resolveu fazer jornalismo é porque queria mudar o mundo. E você continua querendo mudar o mundo? Você acha ainda que o jornalismo pode contribuir para transformar?". Eu respondi que acho, e continuo querendo mudar o mundo, mudar a sociedade, transformar tudo isso. E o jornalismo é um dos instrumentos, não é só o jornalismo. Também ajudo a fazer isso participando do movimento sindical, do movimento político, sempre estive envolvida com partido político, também militando nas entidades acadêmicas, e tem a docência, o ensino de Jornalismo, também é uma forma. Enfim, está tudo imbricado. Do contrário a gente não consegue ser um pouco completas na nossa atuação. Acredito que é importante. Não só para mim, acho que é importante para todas nós mulheres. A gente normaliza, mas essa questão de gênero continua em todas essas áreas.

Mesmo que tenham existido pioneiras, mesmo que tenhamos ocupado alguns espaços, essa questão continua estrutural e carecendo de pesquisa, de discussão, de reflexão, de compreensão para que possamos mudar o mundo e mudar nesse recorte, que é o recorte de gênero. Quando você me convidou para tocarmos juntas a proposta de pesquisa de revisão do relato histórico, adotando o gênero como categoria de análise, pensei exatamente o seguinte: "gente, estou devendo". Eu sou mulher jornalista, eu sou mulher sindicalista, eu sou mulher professora, eu sou mulher pesquisadora, e preciso realçar como pesquisa maior a questão de gênero. A pesquisa voltada para as mulheres esteve presente em toda a minha trajetória, mas na pesquisa propriamente dita foi orientando quem queria pesquisar isso. Enfim, me dei conta de que estava devendo isso também para mim e para todos e todas que trabalham junto comigo em pesquisa, que se referenciam em mim na pesquisa. Então, quero até te agradecer por ter me cutucado e por ter me dado a oportunidade de seguir nesse caminho, porque sendo uma mulher que atua em todos esses espaços - e acho que tenho contribuído bastante em todos - não tinha ainda me dado conta do quanto era urgente, do quanto precisamos de pesquisas focadas em gênero, e que eu não estava dando uma contribuição maior. Vinha contribuindo, obviamente, mas não vinha contribuindo com um destaque tão grande como acho que é esse da nossa pesquisa sobre o relato histórico.

Juliana Gobbi: Pensando nisso, vale colocar duas coisas importantes: uma é lembrar mulheres que já tinham pesquisado sobre isso, por exemplo, no grupo temos nomes como a Tereza Cristina Tesser, que falou sobre as mulheres nas emissoras em São Paulo e no Rio nos anos de ouro do rádio, ou a Ana Veloso, que foi pelo linha das

questões de gênero e cidadania. Este ano, no mês de março, aproveitando a efeméride do mês das mulheres, nós recuperamos trabalhos apresentados nos congressos da Intercom e divulgamos nos espaços das redes sociais do grupo³⁵, o que mostrou como esse tema estava ali o tempo todo, ainda que de forma mais pontual e mais local. E o segundo apontamento é sobre isso sobre cutucar uma a outra, despertar esse olhar para o gênero, eu também precisei passar por isso e me dar conta do que é estrutural, refletir sobre o ser a mulher na sociedade e compreender que as dificuldades que eu tinha não eram só minhas. E, em grande parte, isso aconteceu a partir de um movimento das estudantes com quem eu tinha contato como professora. Então, coloco uma questão: essa pauta - que há quem diga que é uma questão da moda-, pode ser realmente considerada um redirecionamento? Será que poderíamos falar em uma tomada de consciência para denominar esse “parar para olhar” que tem movimentado as pesquisadoras, e efetivamente nos levado a compreender melhor como gênero está interligado com outras questões e como pode complexificar nossos estudos? No caso da proposta de revisão histórica, acredito que esse movimento foi base para que pudéssemos reconhecer que o entendimento de uma estrutura como “normal” dentro do relato histórico veio pelo olhar dos homens, que é uma narrativa construída com uma perspectiva dominante que é masculina, e por isso o que conhecemos é uma versão e não é simplesmente a história. Esses processos

³⁵ A iniciativa foi desenvolvida pela coordenação do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, Debora Lopez e Álvaro Bufarah, em conjunto com Juliana Gobbi e Bruno Balacó. O material está disponível nas redes sociais do grupo: @intercom.radio.

que, de diferentes formas, ganharam força nos últimos anos, a senhora vê como um movimento, uma abordagem, uma perspectiva, que veio efetivamente para mudar um cenário, para ficar - principalmente considerando esse perfil diferenciado das novas gerações, e que podemos observar nas produções científicas e laboratoriais desde a graduação?

Valci Zuculoto: Eu acho que é um processo. Até quando a gente pensa que está devendo. Se hoje essas novas gerações de pesquisadoras, ou mesmo você, têm essa percepção, não foi uma coisa assim que brotou, que apareceu, que surgiu como por encanto, que não teve um processo. Então temos alunas, e até alunos, trabalhando mais isso, se preocupando, e observo isso até porque já tenho 32 anos de docência, dou aula para os calouros e as calouras que estão ingressando na universidade, faço eles gostarem do rádio, esse meio centenário, e agora tem o podcast, todos querem fazer um podcast, e fazem no “tematiquinho”³⁶, muitos que abordam essa questão. Fico refletindo sobre o porquê de não ter me dado conta antes e sobre o porquê eles estão se dando conta agora desde o início. Em primeiro lugar, situo bem e vejo bem a minha história que, por exemplo, quando eu entrei na universidade, quando estava no ensino médio, já existia essa questão a ser conquistada, que exigia a luta, mas naquele momento tinha uma questão maior, que era ditadura. A ditadura não atingia só mulheres, atingia muita gente, tinha essa questão maior e, naquele momento, a nossa luta tinha que ser aquela. Depois, quando

³⁶ Tematiquinho é o apelido dado pelos estudantes para um dos trabalhos desenvolvidos na disciplina Áudio e Radiojornalismo, ministrada pela professora Valci Zuculoto, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

acabou a ditadura, nós ficamos lutando pela democracia. Aí tivemos a oportunidade de conseguirmos nos dedicar a essas lutas que são mais, vamos dizer assim, específicas, embora grandes e necessárias. Não estou colocando ordem de importância nisso.

Juliana Gobbi: A ideia de que não existe uma hierarquia, mas que são diferentes estruturas de opressão na sociedade.

Valci Zuculoto: Exatamente. E nós temos que lutar contra todas elas.

Juliana Gobbi: **E elas não são excludentes, mas estão ligadas. Quer dizer classe, por exemplo, a luta de classe está ligada com as questões étnico-raciais e de gênero.**

Valci Zuculoto: Sim. A nossa luta maior é a luta de classes. E dentro dela que entram essas. Às vezes até considero um pouco equivocados aqueles que colocam como a luta maior outra questão. Digo que a nossa luta maior, de onde se ramificam todas as lutas, é a luta de classes. Observe que a mulher pobre, negra é muito mais violentada do que uma mulher de uma classe mais alta, uma mulher branca. Então, tudo está ligado na luta de classe. A luta de classe é a estrutura maior que conforma tudo isso. Mas queria ressaltar que não temos que nos culpar: por que não evidenciei antes? Porque que não pesquisei antes? Porque que não dei um realce maior para isso? Aconteceu no momento em que foi possível, em que conseguimos, em que superamos outras lutas que estavam mais prementes. Acho que essa geração que está aí, e a que está entrando agora, a sua geração, foram formadas por nós. Então é sinal de que fizemos bem, nós não tivemos a capacidade de atentar para isso no nosso tempo passado, no nosso início de carreira. No início da nossa trajetória na pesquisa precisamos nos ocupar de alguns outros

objetos, e de algumas outras lutas, mas essa luta, essa questão, essa categoria de análise, estava embutida lá. E foi graças a gente, não estou falando só de mim, estou falando de um conjunto de pesquisadoras que temos no caso do rádio: a Nélia (Del Bianco), Sônia Virgínia (Moreira), Dóris (Haussen), Nair Prata, todas essas mulheres que ajudaram a constituir tudo isso e que continuam na luta. O que está presente nas gerações mais recentes, também, vem pelo nosso trabalho anterior, não surge do nada. E continuamos na luta. Continuamos pesquisando, de alguma forma liderando. Somos referenciais, mas lideramos também. Então, isso de que parece uma questão de pesquisa da moda, não é bem assim. A questão de gênero sempre esteve ali, mesmo que não tão revelada, sempre esteve presente, está presente hoje e vai continuar presente. No viés histórico, os próprios referenciais que utilizamos dentro da história pública, da nova história, apontam que o objetivo é ter uma história total, uma história completa. É isso que buscamos ao propor revisões como esta, no nosso caso, que aquelas mulheres que estão apagadas sejam evidenciadas também, mas isso é contínuo. Nunca vamos construir a história completa. Estaremos sempre lutando para construir a história completa. Então essa questão não é, não pode ser tida como uma questão da moda. É uma questão necessária e vai estar sempre presente. Por isso, em algum momento, e acho que esse foi o meu momento, vou colocar essa como uma pesquisa maior.

Juliana Gobbi: **Não, é um processo mesmo. Que é um processo que agora está ganhando força para deixar de aparecer pontualmente, e isso passa por isso que é pensar gênero como uma categoria de análise. É virar essa chave, entender que gênero está permeando, está dialogando com as outras categorias, que faz parte dessa estrutura. E aí, quando você vira uma**

chave do olhar, aquela categoria entra como um ponto importante a ser considerado no todo, não só numa pesquisa voltada para a questão de gênero.

Valci Zuculoto: Sim, é bem isso. E hoje as mulheres, as novas mulheres estão atentando para isso porque a gente vem construindo isso. É a questão do processo, que é como deve ser pesquisada a história. A história não pode ser pesquisada como estanque, tem que ser pesquisada como um processo, e como um processo que tem circularidade, não é apenas cronológica. Hoje estamos vivendo aquilo que é resultado, talvez, de uma geração anterior, ou talvez de duas, três gerações anteriores. Por isso considero que é circular, não é aquela coisa cronológica que vem em um processo linear. A história é um processo circular, e temos que pesquisá-la desta forma.

Juliana Gobbi: **E um olhar como esse, uma pesquisa como essa que propomos, só é possível por conta de todo esse processo que vem, principalmente, a partir dessas mulheres. Desde a formação do grupo até todo o conhecimento que produziram, todos os espaços de liderança que ocuparam, a própria organização do grupo, a forma como as pessoas se relacionam, têm muito disso, né?**

Valci Zuculoto: Sim, é esse o processo que nós estamos vivendo. E acho que a nossa proposta de pesquisa é resultado de todo esse processo, de tudo que você falou, não só da trajetória individual das pesquisadoras, da trajetória individual das profissionais, da trajetória também da própria estrutura, do próprio contexto, dos veículos, dos grupos de pesquisa. Tudo isso nos levou a esse momento. Não acho que estamos atrasadas em propor essa pesquisa. Ela é resultado de um processo que vem ocorrendo, do nosso

processo dentro dos grupos de estudos, dos nossos eventos, das nossas pesquisas, dos nossos programas de pós-graduação. Era o momento, o momento é esse. E embora ainda não tenhamos divulgado a chamada para pesquisa para começarmos a produzir de forma mais integrada ou, quem sabe, mostrarmos o que já tem, só com a nossa proposição – com o nosso texto nos anais da Alcar, as falas nos espaços que se apresentaram depois, como as reuniões do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, na própria Alcar, na SBPJor, levando essa proposição para a ALAIC, já com uma ampliação destacando a questão de uma forma continental, agora latino-americana –, já começa a sentir na leitura de artigos e propostas de artigos. Tenho sido parecerista de eventos, de revistas, também oriento na pós-graduação, além do contato com outros grupos, outros PPGs, em tudo isso vejo que, especificamente na área do rádio, já estão germinando as sementes que a gente jogou com essa proposta de pesquisa. Estamos no bom caminho!

Sobre a entrevistada

Valci Regina Mousquer Zuculoto é professora do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

É diretora científica da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia

(Alcar), diretora da Executiva da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e coordenadora-adjunta da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Integra a coordenação da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) e coordena a Rádio Ponto UFSC. Foi coordenadora do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

É uma das líderes do GIRAFÁ – Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (certificado no CNPq). Em 2017, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão da Intercom – categoria liderança emergente. Já trabalhou em *O*

Globo, Zero Hora, Isto É e Rádio Gaúcha. Foi diretora da FM Cultura de Porto Alegre.

É autora dos livros *No Ar – A história da notícia de rádio no Brasil* e *A programação de rádios públicas brasileiras*, além de ter sido uma das organizadoras das coletâneas *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção*, *Estudos Radiofônicos no Brasil 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom*; *Teorias do Rádio – Textos e Contextos V. 2* e *Formação Superior em Jornalismo – Uma exigência que interessa à sociedade V. 2*.

>> **Como citar este texto:**

BETTI, Juliana Gobbi. As perspectivas de gênero nos estudos radiofônicos: um diálogo aberto entre Valci Regina Mousquer Zuculoto e Juliana Gobbi Betti. Entrevista com Valci Regina Mousquer Zuculoto. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 190-203, set./dez. 2021.